

O DRAGÃO VERMELHO, ATEU E ANTICRISTÃO, EXPANDE SUA DOMINAÇÃO MUNDIAL

“... Esse Dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de que, quando Ela desse à luz, lhe devorasse o Filho.”

(Ap. 12, 4)

O que esperar de uma ditadura atéia e anticristã, cujo símbolo é o dragão, que prefigura satanás no Livro do Apocalipse?

O que você lerá a seguir é apenas a minúscula ponta de um terrível e gigantesco iceberg; e que não para de crescer...

Existem alguns antigos ditados populares que dizem o seguinte: “... sempre é bom saber de que lado vem a bala...” Ou ainda: “... muitos gostam de saber do que vão morrer...”

Todos nós sabemos que em vários momentos da história da humanidade, todos eles com desfecho trágico, existiram ações de dominação capciosa, no escondimento; como, há mais de dois séculos, a montagem da Nova Ordem Mundial e, atualmente, como parte desse processo, a expansão chinesa. Tudo isto indica que o estopim para a Terceira guerra mundial já vem sendo aceso há tempos...

Existem profecias contemporâneas que mostram a China como um flagelo permitido por DEUS para a Purificação da humanidade. Inclusive com uma invasão repentina e maciça sobre a Europa; um formigueiro de soldados... Se considerarmos o somatório dos exércitos da China e de seu satélite a Coréia do Norte, o número final aproxima-se de 2.400.000 combatentes. Quem se habilitará a contê-los?

China "conquista" África



Colagem: Voz da Rússia

Na última década, assistimos a uma atividade sem precedentes da China na África. A China afasta com êxito, ou mais precisamente, já afastou os britânicos, franceses e os portugueses dos países africanos.

Recentemente, uma revista saiu com uma capa sintomática: o continente africano todo coberto de vermelho com cinco estrelas da bandeira da China. Foi precisamente assim que a revista caracterizou a presença da China no continente africano.

O que leva a China a aumentar sua presença em África? O que dá a política chinesa ao continente e do que é que os africanos não gostam nela? Tentamos responder a essas perguntas juntamente com Tatiana Deich, cientista do Instituto da África da Academia das Ciências da Rússia.

O início do século XXI ficou marcado pela expansão econômica chinesa na África, sublinha a cientista russa. **Os principais motivos da presença chinesa na África são controlar fontes de matérias-primas**, encontrar esferas de investimento e novos mercados para escoar os artigos da sua indústria que se desenvolve impetuosamente: "A China lutou sempre com Taiwan pela influência em África. E, no fim do século passado, uma série de países mantinham relações com Taiwan, outros, poucos, reforçavam as relações com a China. **No início do novo século, a situação mudou bruscamente: 50 países de África mantêm relações com a China e apenas 4 países conservam laços com Taiwan.** Depois de conseguir a independência, o Sudão do Sul reconheceu a China. E aí a ajuda que ia de Taiwan era incomparável com a que a China presta atualmente. A pequena Gâmbia foi o 51º país africano que estabeleceu laços e relações com a China. Restam apenas três países: Suazilândia, São Tomé e Príncipe e Burkina-Faso, que ainda não reconheceram a China e continuam a cooperar com Taiwan. **Mas, ao mesmo tempo, a China há muito que tenta infiltrar-se** em São Tomé e Príncipe e realiza isso com êxito. As ações chinesas já se afirmaram firmemente na economia desse país."

A atenção da China para com África é explicada também pelo crescente peso político na arena mundial. **As relações com África são parte da estratégia de Pequim com vista a criar uma nova ordem mundial.** A China necessita de apoio nas organizações internacionais. **Precisa de aliados no confronto com os EUA**, bem como na consecução do objetivo que se reflete na fórmula: "no mundo há apenas uma China e Taiwan é sua parte inseparável".

A China aposta também na África na questão dos direitos humanos, objeto de constantes discussões com o Ocidente. Por isso, os países do continente, muitos dos quais lembram-se da ajuda de Pequim na luta pela independência nacional, passaram a ocupar um lugar importante na estratégia chinesa de criação de um bloco de países do "Sul", considera Tatiana Deich:

"O princípio da política externa chinesa em África tornou-se um: a não ingerência nos assuntos internos de outros países. Eles contrapõem-se aos países ocidentais que sempre ligaram a sua ajuda a África a algumas condições obrigatórias, assinala Tatiana Deich. Por exemplo, Angola pediu um empréstimo ao FMI em 2004. Este último exigia mudanças na política, no respeito dos direitos humanos. Mas a China concedeu o empréstimo sem quaisquer condições e em grande envergadura. E, hoje, a presença da China é visível não só nos Estados com grandes riquezas naturais, mas também com os que não possuem riquezas semelhantes. A China ajuda também esses países **enviando para eles os seus médicos, técnicos, professores**, cria a infraestrutura necessária."

Na África trabalham cerca de 18 mil médicos chineses. Chegam em brigadas, constroem hospitais. Em alguns países já foram criados centros especiais de combate à malária, afirma Tatiana Deich. Verdade seja dita, os especialistas ocidentais encontraram uma falha nisso: as máquinas fornecidas chegam com instruções em chinês. E as máquinas ficam paradas, não são utilizadas até que os africanos não encontram especialistas.

Mais uma preocupação: medicamentos contrafeitos. **A China utiliza habilmente o fato de na África não existir o devido controle e não haver praticamente sistemas de distribuição dos produtos e serviços**, frisa Tatiana Deich.

Mas na África não só entra a medicina chinesa, **mas também a cultura e a ciência.** São assinadas dezenas de acordos nessas esferas e eles, o que é o principal, realizam-se. Hoje, as posições da China aí não podem ser comparadas com as ocidentais, tão grandes são as envergaduras. No ano passado, as trocas comerciais entre a África e a China atingiram os 198 milhões de dólares. Se, no início do milênio, a China "inundava" África com produtos da sua indústria ligeira, nos últimos anos, começaram a chegar aí computadores, maquinaria, novas tecnologias. Os chineses

lançaram um satélite nigeriano. Foi à segunda tentativa, mas foi, recorda Tatiana Deich. E isso permite estabelecer comunicações com regiões remotas na Nigéria e noutros países.

As relações da China com a África do Sul desenvolvem-se de forma mais intensa. O país tornou-se membro do BRICS. E, através dessa organização, a China exerce também influência nos estados africanos. Angola vem em segundo lugar pela importância e Moçambique vem a seguir.

A diplomacia dá também forte apoio ao avanço económico da China em África. Nos últimos anos, todos os líderes chineses visitaram o continente. Por exemplo, Hu Jintao visitou-o seis vezes: duas vezes como vice-presidente e quatro como presidente da República Popular da China. Estabeleceu-se a tradição de começar o ano novo com uma visita do ministro das Relações Exteriores da China à África. A participação da China na manutenção da paz visa convencer os estados africanos a ver na China uma grande potência, mas pacífica, que defende os interesses deles e, ao mesmo tempo, um contrapeso à influência do Ocidente.

O número de chineses que vivem e trabalham em África situa-se, segundo várias fontes, entre 700 mil e 1 milhão. Nuns países são muitos, noutros são poucos. Tudo depende dos governos desses países, da sua reação à presença dos chineses. Existe uma diáspora chinesa que vive em África há muito tempo, mas há trabalhadores que foram temporariamente, mas ficaram. Há ilegais que se tornam um problema para alguns países.

Os chineses são frequentemente criticados pelo fato de fazerem concorrência aos trabalhadores locais. Recentemente, um político moçambicano declarou: "Como é que a China se pode considerar um país em desenvolvimento se ela tira o pão ao nosso pobre país?". Colisões claramente desagradáveis. E exemplos desses são cada vez mais: na África do Sul, na Nigéria, no Congo, em Moçambique, no Quênia e noutros países.

Em resposta às queixas, a China reforma rapidamente a sua ajuda e começa a criar na África centros de preparação profissional, sem abandonar o mercado comercial e económico, **mas reforçando a sua presença.**

A China controla a concessão de créditos com objetivos definidos no local, apostando na realização de projetos de desenvolvimento socioeconómico. Segundo Wen Jiabao, dirigente do Conselho de Estado da China, aos países do continente foi prestada ajuda na realização de mais de mil projetos na agricultura, indústria, energia, infraestruturas e noutras esferas.

A ajuda chinesa não é transparente, os seus números, regra geral, não são revelados, são publicados dados extremamente contraditórios. Não obstante, é evidente que Pequim se transforma num doador considerável dos países de África, concedendo-lhes anualmente uma média de 1-2 milhões de dólares de ajuda.

Como já foi assinalado, o Fórum China-África e as suas pomposas cúpulas com a participação de dirigentes dos países africanos **contribui para o aumento do prestígio da China na África.** Ao investir na **extração de matérias-primas**, a China, ao mesmo tempo, torna-se o principal jogador na esfera da infraestrutura africana, que necessita muito de investimentos.

Fonte: http://portuguese.ruvr.ru/2014_01_19/china-conquista-africa-5630/

China financia grande linha de trem que unirá Quênia, Sudão, Uganda e Ruanda

O Quênia iniciou nesta quinta-feira a construção de uma grande linha de ferrovia financiada pela China que se estenderá através do leste da África, conectando este país com Sudão do Sul, Uganda e Ruanda.

Segundo a imprensa local, o projeto, com o qual se pretende renovar uma rede ferroviária construída na época colonial, custará cerca de 10 bilhões de euros, e sua data de finalização prevista é 2018.

A linha partirá da cidade portuária de Mombaça rumo a Nairóbi, e dali seguirá para Campala (Uganda), de onde sairão vários ramais em direção a Juba (Sudão do Sul) e Kigali (Ruanda).

O primeiro trecho (Mombaça-Nairóbi) tem 450 quilômetros de distância e o trem atual demora 15 horas para percorrê-lo, tempo que se reduzirá a quatro horas com a nova linha.

Os trens de passageiros viajarão a uma velocidade máxima de 120 km/h, enquanto a dos de carga será de 80 km/h.

O acordo para o financiamento deste projeto foi assinado no último mês de agosto em Pequim, durante uma visita oficial do presidente do Quênia, Uhuru Kenyatta, à China, cujas empresas fornecerão 56 locomotivas ao governo africano.

Durante o ato de inauguração, Kenyatta assegurou que se trata da maior infraestrutura desenvolvida desde a independência do país do Reino Unido, há 50 anos.

"É o projeto que esperávamos para impulsionar o desenvolvimento da África do Leste, já que estimulará a produção e reduzirá o custo do transporte, transformando-a em uma zona competitiva", disse o líder em declarações recolhidas pelo portal de notícias "Capital News".

Fonte: <http://economia.uol.com.br/noticias/efe/2013/11/28/china-financia-grande-linha-de-trem-que-unira-kenia-sudao-uganda-e-ruanda.htm>

China pode financiar US\$ 20 bilhões em projetos no Irã

Um site de notícias iraniano afirmou que a China concordou em financiar US\$ 20 bilhões em projetos de desenvolvimento no Irã usando recursos do setor de petróleo não transferidos para a República Islâmica por causa das sanções internacionais. A China é o maior importador de petróleo bruto do Irã.

Hasan Sobhaninia, um importante parlamentar iraniano, afirmou à reportagem que o acordo foi alcançado durante conversas entre o presidente do Parlamento do Irã, Ali Larijani, e líderes chineses. Larijani visitou a China nesta semana e foi acompanhado por Sobhaninia.

Na semana passada o porta-voz do governo iraniano, Mohammad Bagher Nowbakht, disse que cerca de US\$ 22 bilhões em recursos do petróleo do Irã estavam presos na China por causa das sanções. Os EUA e seus aliados impuseram sanções aos negócios com petróleo e bancos do Irã por causa do controverso programa nuclear da República Islâmica. Fonte: Associated Press.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,china-pode-financiar-us-20-bilhoes-em-projetos-no-ira,1092492,0.htm>

Futuro da Venezuela depende da China

FLÁVIA MARREIRO DE SÃO PAULO

"A melhor homenagem que vamos fazer a nosso comandante Chávez é aprofundar as relações estratégicas com nossa amada China", disse na TV o presidente interino da Venezuela, Nicolás Maduro, ao lado de uma delegação chinesa, horas depois do funeral do presidente esquerdista, em março.

O destino da Venezuela, independentemente de quem vença as eleições presidenciais do próximo domingo, está contratualmente amarrado à China, sua maior credora, pelo menos até 2020, pela assinatura de empréstimos em troca de petróleo.

Isso injetou na economia venezuelana ao menos US\$ 36 bilhões (R\$ 71 bilhões) entre 2008 e 2012, segundo o governo.

"É uma relação especial, com risco para os dois", diz Kevin Gallagher, da Universidade de Boston (EUA).

Ele liderou um estudo que mostra que, nos últimos sete anos, a Venezuela recebeu mais empréstimos da China que todos os demais países latinos somados --US\$ 46,5 bilhões de um total de US\$ 86 bilhões para a região inteira.

"É o país onde os chineses mais decidiram investir dinheiro no mundo", diz o consultor da área de petróleo Tom O'Donnell. "Mas agora eles estão mais realistas sobre como é fazer negócios na Venezuela. Se Maduro ganhar, vai ter que tomar medidas concretas para retomar a confiança dos chineses."

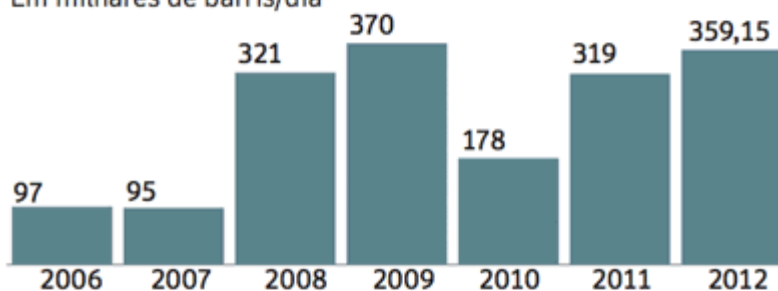
A FIADORA

China é a maior credora da Venezuela



ENVIO DE PETRÓLEO À CHINA,

Em milhares de barris/dia



OS PROJETOS

137 projetos,

a maioria com participação chinesa em maquinário ou empresa, fazem parte da carteira estipulada para utilizar os recursos chineses na Venezuela

US\$ 9,8 bi

é o investimento para a refinaria conjunta que a PDVSA e a estatal chinesa CNPC constroem na costa sul da China. Há projetos de exploração na Venezuela

COMÉRCIO

US\$ 12,1 bi

foi o valor pago pela Venezuela em importações da China (2º lugar, atrás dos Estados Unidos; Brasil é o 3º)

ARMAS

12%

das compras de armas da Venezuela entre 2008 e 2012 vieram da China, segundo o Sipri*. Entre elas estão 18 caças e 12 aviões militares

*Sipri - Instituto de Pesquisa da Paz Internacional de Estocolmo
Fontes: PDVSA e governo da Venezuela

DIFICULDADES

Semanas antes da morte de Chávez, reportagens repetiam que os chineses estariam exigindo condições mais duras para renovar parcelas dos empréstimos, o que poderia ter impacto central sobre o caixa do governo.

Um executivo do Banco de Desenvolvimento da China, a maior entidade credora, disse à Bloomberg que os chineses estavam avaliando riscos após a morte de Chávez.

Dias antes, a Reuters noticiou dificuldades do governo venezuelano para receber US\$ 4 bilhões de um repasse pré-acordado.

A Venezuela negou problemas, mas a combinação de promessas de maior envio de petróleo à China com números estagnados de produção petrolífera no país adicionam contradições ao panorama.

Em pouco mais de cinco anos, a Venezuela multiplicou os envios de petróleo à China, ainda que haja divergência sobre os números.

Pelo dados de 2012 da PDVSA, foram 359 mil barris por dia (12% da produção). O governo promete elevar essa quantia a um milhão em 2015.

Há dois problemas: quanto mais petróleo envia à China como parte do pagamento de empréstimos, menos a PDVSA recebe em dinheiro vivo, complicando o fluxo de caixa da empresa, que aumentou em 35% a dívida com fornecedores em 2012.

O segundo é que a PDVSA não cumpriu nenhuma meta de produção desde 2006. O crescimento em barris retirados entre 2011 e 2012 foi de apenas 1,4%, alcançando 3,03 milhões de barris/dia.

A China está diretamente envolvida neste ponto, com a exploração em conjunto com a PDVSA do petróleo ultra pesado da faixa do Orinoco, a maior reserva de petróleo comprovada do mundo.

Num outro sinal da interdependência de longo prazo, os países constroem na costa sul chinesa uma refinaria com investimento avaliado em US\$ 9,8 bilhões.

"A Venezuela não está mandando 'petróleo novo' para a China. Está desviando do mercado americano para lá. Por isso Pequim está preocupada. Se a produção não decolar, vão ter perdido investimento não só na Venezuela como na preparação do setor doméstico chinês para receber o petróleo pesado venezuelano", diz O'Donnell.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1258934-futuro-da-venezuela-depende-da-china.shtml>

Petrobras vende subsidiária no Peru para petrolífera chinesa

A Petrobras informou nesta quarta-feira que vendeu 100% das ações da subsidiária Petrobras Energia Peru para a China National Petroleum Corporation (CNPC) por US\$ 2,6 milhões.

A companhia informou em comunicado que os documentos de venda da subsidiária da Petrobras no Peru foram assinados hoje.

Entre os ativos incluídos na negociação estão 100% dos direitos para explorar o Lote X, campo que no ano passado produziu em média 16 mil barris por dia. A venda também se refere a 46,16% de participação que a Petrobras tem no Lote 57, um campo de gás natural e condensado ainda em etapa pré-operacional, e 100% do Lote 58, campo onde foram descobertos recentemente gás natural e condensado. A Petrobras calculou no ano passado em 56,6 milhões de metros cúbicos de gás natural e 113,7 milhões de barris do hidrocarboneto condensado as reservas de três de seus poços auxiliares explorados na Bacia de Madre de Dios, perto da fronteira com a Bolívia.

Segundo a empresa, a venda ainda depende da aprovação dos governos da China e do Peru.

O acordo com a petrolífera chinesa foi anunciado dois dias após a visita que a presidente brasileira, Dilma Rousseff, fez ao Peru para dialogar sobre possibilidades de negócios bilaterais.

O governo peruano manifestou seu interesse pela permanência da empresa brasileira no país.

Analistas esclareceram que o negócio faz parte do plano de desinvestimento de US\$ 9,9 milhões em projetos no Brasil e no exterior até 2017, anunciado no ano passado. Esse plano tem como objetivo financiar parte do milionário Plano de Negócios da empresa para o quinquênio 2013-2017, que prevê investimentos de US\$ 236,7 milhões.

A Petrobras também planeja vender parte de seus ativos na Argentina.

Fonte: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/economia/2013/11/13/petrobras-vende-subsidiaria-no-peru-para-petrolifera-chinesa.htm>

China fornecerá US\$2 bilhões para Fundo de Co-Financiamento para América Latina e Caribe

Primeiro de sua natureza, o Fundo administrado pelo BID proporcionará recursos adicionais para os principais projetos de desenvolvimento público e privado

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Popular da China (BPC) aprovaram o Fundo Chinês de Co-financiamento para América Latina e Caribe, para apoiar projetos do setor público e privado que promovam o crescimento econômico sustentável na região.

O Fundo, primeiro desta natureza estabelecido pela China e um banco multilateral de desenvolvimento, fornecerá capital para complementar os recursos próprios do BID para projetos destinados a diminuir a pobreza e a desigualdade, fomentar o investimentos do setor privado, melhorar a competitividade e o bem-estar social, e apoiar programas para mitigar os impactos da mudança climática e promover maior igualdade de gênero.

“A China é um parceiro chave para a missão do Banco de reduzir a pobreza e a desigualdade na região”, disse o presidente do BID, Luis Alberto Moreno. “Este acordo é outro exemplo de nossos esforços para promover uma maior cooperação Sul-Sul e reduzir as brechas de financiamento em setores com alto impacto de desenvolvimento e melhorar o impacto social e econômico de nossos projetos. Servirá como ponto de referência para futuros modelos de cooperação com a China e outros países”.

Em parceria com o BID, a China espera canalizar recursos para o financiamento de projetos de desenvolvimento que requeiram financiamento adicional para sua realização.

A proposta de contribuição de US\$ 2 bilhões por parte da China será utilizada para co-financiar um total de até US\$ 500 milhões de empréstimos do BID ao setor público e de até US\$ 1,5 bilhão para empréstimos outorgados pelo Banco a entidades do setor privado. O Fundo de Co-financiamento será usado de forma complementar aos empréstimos do BID, sujeito a limites pré-estabelecidos. Os fundos procedentes da China estarão disponíveis durante os próximos três anos para projetos do setor público, e pelos próximos seis anos para operações dedicadas ao setor privado.

Fonte: <http://www.iadb.org/pt/noticias/comunicados-de-imprensa/2013-03-16/fundo-de-co-financiamento-para-america-latina,10375.html>

Chineses agora financiam e exportam soja brasileira

Graves deficiências de infraestrutura e abundância de recursos naturais: a China se deparou no Brasil com a combinação que havia servido de base para a sua bem-sucedida inserção na África. Com sua exuberância de capital, experiência em logística e mão de obra treinada e barata, os chineses organizaram a produção e escoamento de minérios e alimentos na África na década passada de maneira a sustentar seu crescimento econômico, que já exauriu seus recursos naturais. Agora, estão tentando aplicar esse modelo no Brasil.

Em sua penosa curva de aprendizagem, "os chineses estão entendendo que aqui não é a África", observa Marcelo Duarte Monteiro, diretor executivo da Aprosoja, que reúne os produtores de soja e milho do Mato Grosso. Ele esteve quatro vezes na China e perdeu a conta de quantas delegações chinesas recebeu em Cuiabá.

Inicialmente, eles chegaram com a mentalidade de comprar terras e plantar soja, de maneira a assegurar seu abastecimento. Visitaram o sul de Goiás e o Mato Grosso, mas resolveram fixar-se no Oeste da Bahia. O governo baiano abriu escritório em Pequim em 2011.

Recuo

A compra de cerca de 20 mil hectares pela Universo Verde, filial brasileira da Chongqing Grãos, suscitou advertência da Advocacia Geral da União, e uma portaria interministerial, em setembro de 2012, regulamentando a aquisição de terras por estrangeiros. Enquanto eram obrigados a recuar de seu plano de adquirir terras, os chineses perceberam que os produtores locais têm não só uma longa experiência com a adaptação da soja à região - muito diferente das altas latitudes chinesas, de onde o grão é originário -, mas também capacidade de atender um aumento de demanda.

Passaram então a firmar parcerias com agricultores da região de Barreiras, no Oeste da Bahia. Agora seu capital está sendo aplicado na compra de sementes, fertilizantes e implementos agrícolas, que entram como moeda na venda antecipada da produção. Depois de ouvir a Associação de Irrigantes e Produtores da Bahia (Aiba), a Universo Verde decidiu investir em uma planta de esmagamento de soja em Barreiras. A terraplanagem da área onde ela será erguida já está feita. **Arredios, os chineses preferem não falar do assunto.**

A China tem excedente de capacidade de esmagamento. Comercialmente, faz mais sentido importar a soja em grão do que em óleo ou farelo. O projeto da planta de esmagamento indica o interesse de fornecer parte desses derivados para os mercados do Brasil e de outros países. As americanas Bunge e Cargill já têm plantas de esmagamento na Bahia. A da Universo Verde criará mais concorrência para os produtores venderem sua soja, aumentará o valor agregado na economia local e gerará entre 500 e 800 empregos diretos, de acordo com Jairo Vaz, superintendente de Política de Agronegócios da Secretaria de Agricultura da Bahia. **"Os chineses estão mapeando o Oeste da Bahia para instalar silos e armazéns para captação de grãos e suprimento da fábrica."**

Logística

Hoje, a produção do Oeste da Bahia segue em caminhões para os portos de Santos e Paranaguá, o que encarece muito o seu custo. Mas a expectativa é que daqui a alguns anos ela possa seguir no sentido contrário, por meio das novas ferrovias que interligarão o oeste e o leste aos portos do norte e nordeste, mais próximos dos mercados dos EUA, da Europa e da China. A Universo Verde prevê a construção de um "porto seco", que receberá os caminhões com os grãos, o óleo e o farelo.

A curva de aprendizagem na logística tem sido acentuada. Os chineses chegaram com a experiência da África, onde suas construtoras firmam contratos com os governos, trazem navios com seus operários, constroem rodovias, ferrovias e portos, vinculam esses investimentos com o fornecimento de minério de ferro, petróleo e outros recursos naturais. E pronto. No Brasil, encontraram um ambiente bem mais complexo: grandes construtoras com vasta experiência internacional, mão de obra local, decisões políticas descentralizadas em Estados e municípios, licenças ambientais e agências reguladoras.

"É muito difícil no Brasil", suspira Li Tan, do grupo chinês Hopeful, que planeja investir R\$ 400 milhões em um terminal no porto de São Francisco do Sul, em Santa Catarina. "Muito longo, muito complicado para aprovar. É muito mais fácil fazer isso na China." O projeto começou em 2007. Está na fase da licença ambiental. Depois de muitas revisões no prazo, a empresa espera que esteja pronto em dois anos. **"É bom proteger o meio ambiente", diz. "A situação do meio ambiente na China é horrível. Pensar no meio ambiente no início é muito bom. Vocês devem fazer isso. Mas a papelada é muito difícil. Toma muito tempo para concluir o processo."**

Li, **que está baseado no Estado americano de Iowa**, diz que "os Estados Unidos também têm essas regulações, mas o processo está se acelerando e é bem regulado". Em contrapartida: "Às vezes o mercado brasileiro não é bem regulado, você não consegue acompanhá-lo. Você prepara um documento, e dizem: não é esse, é aquele outro. Você faz o outro e dizem que também não é esse, mas um outro. Algumas coisas não são claras."

O negócio do grupo é esmagar soja importada dos EUA, Brasil e Argentina. Do Brasil, importa hoje 1,5 milhão de toneladas por ano. Seu terminal terá capacidade de 8 milhões de toneladas por ano. "Os chineses buscam o Brasil não mais para abastecer a China, mas como mercado consumidor importante, e plataforma de exportação para a região", diz Sergio Amaral, ex-ministro do Desenvolvimento e presidente do Conselho Empresarial Brasil-China. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Fonte:<http://br.financas.yahoo.com/noticias/chineses-agora-financiam-exportam-soja-102400017.html>

China interessada em investir em empresas da Argentina

A China está interessada em investir no setor de lácteos da Argentina em busca de uma solução para sua crescente demanda, que está projetada com um crescimento de 14% para os próximos cinco anos. Os chineses entendem que não poderão suprir a demanda e buscam se associar com produtores argentinos para produzir e processar leite.

As indústrias chinesas produtoras de lácteos acreditam que poderão cobrir somente 5 pontos percentuais dessa projeção e devem buscar soluções em curto prazo. A China conta com uma classe média que alcança 400 milhões de pessoas, que consomem cada vez mais proteínas, como lácteos e carnes.

Recentemente, a Mengniu Dairy, manteve negociações com empresas argentinas para criar trocas de informações. **A idéia é poder criar vínculos com firmas de médio porte dedicadas à produção de queijos e produtos frescos. Isso porque, além da quantidade, os investidores chineses buscam variedade de produtos que têm sido identificados como atraentes para a cultura asiática**, como alguns tipos de queijos e demais derivados do leite.

Atualmente, os principais países fornecedores de lácteos da China são Nova Zelândia, Austrália e países europeus, como Holanda.

As informações são do ImpulsosNegocios.com, traduzidas e adaptadas pela Equipe MilkPoint.

Fonte:<http://www.milkpoint.com.br/cadeia-do-leite/giro-lacteo/china-interessada-em-investir-em-empresas-da-argentina-68675n.aspx>

O interesse voraz da China nas terras estrangeiras

Sofrendo com vários desastres ecológicos, a China precisa urgentemente de terras para cultivar seus alimentos e já deixa sua pegada em alguns recantos do mundo.

A aquisição de grandes extensões de terras por estrangeiros é um fenômeno que surgiu há alguns anos, **quando países grandes importadores de alimentos começaram a adquirir terras no exterior para produzir sua própria colheita, em vez de continuar comprando do país produtor**. Este fenômeno ocorre principalmente em países da Ásia, África e América Latina, onde normalmente não há fortes regulamentos de gestão da terra, que são facilmente tentados pela promessa de grandes investimentos.

Liderando os países que utilizam este método está a China, com 86 projetos que cobrem 8,3 milhões de hectares em países em desenvolvimento. A industrialização excessiva na China causou uma catástrofe ambiental que reduziu gravemente as terras e poluiu severamente o meio ambiente, provocando uma crise que se torna evidente na China que precisa obter sua comida do exterior. Mas o que causa polêmica é a maneira como ela busca garantir esses alimentos.

Em 2010, o Banco Mundial (BM) publicou um relatório sobre o impacto dos projetos agrícolas em grande escala nos países em desenvolvimento. O BM disse que, em geral, os investimentos apontam para países com fraca gestão da terra, resultando em transferências de terras que geralmente não cumprem os direitos da terra existentes. O BM aponta para uma cultura de segredo que não informa ou consulta as comunidades locais sobre os negócios de terra firmados. O BM também descobriu que estes projetos de investimento não geram empregos. Várias organizações intergovernamentais, acadêmicos e ONGs também têm realizado investigações e visitas de campo e chegaram às mesmas conclusões.

Aquisição de terras na Argentina

A Argentina é um país muito fértil, com vastos recursos naturais, de modo que a China tem seus olhos nessas terras. Um dos casos de maior impacto foi o acordo assinado em 2010 pelo então governador do Rio Negro, Miguel Ángel Saiz, com a empresa chinesa Beidahuang, por meio do qual cedia um total de 320 mil hectares, juntamente com o uso gratuito do Porto de San Antonio Este, isenção fiscal para a empresa chinesa, o uso de escritórios e instalações que fosse necessário, tudo em troca da promessa de investimentos para instalação de sistemas de irrigação e transporte que seriam utilizados pela mesma empresa que realizaria as colheitas para a China.

Como é comum nesses casos, o acordo foi feito sem consultar a comunidade e foi anunciado quando já havia sido assinado. O acordo provocou fortes reações na opinião pública e várias organizações e indivíduos da Patagônia se mobilizaram para anular o acordo "por sua significância em termos socioeconômicos e culturais e pela preservação de recursos não renováveis e da soberania e dignidade". A Justiça decidiu em seu favor e o acordo foi suspenso.

Mas esse não é o único caso na Argentina. A empresa de consultoria financeira Deloitte & Touche publicou um relatório em 2012 no qual afirma que as terras nas províncias de Salta, Tucumán, Santiago del Estero e Córdoba também são alvo de interesses chineses. Um relatório do iProfesional.com sobre o mesmo tema inclui declarações de Zheng Jicong, secretário-geral da Casrech (uma organização que coordena os supermercados chineses na Argentina), que reconhece sua intenção de comprar terras para produção própria, aparentemente para lançar suas próprias marcas nos supermercados, mas visando ultimamente a controlar toda a cadeia de produção e direcioná-la para exportação. "Qualquer investimento em comida, a China está interessada. Daqui pode-se produzir um produto com valor agregado", disse ele. O relatório também menciona a aquisição de armazéns e fábricas de processamento

de frutos do mar. Neste caso, Zheng diz que a operação tem "a ideia de enviar os frutos do mar para a China".

Na Argentina, a Lei de Terras foi promulgada em dezembro de 2011 e limita a posse da terra em mãos estrangeiras. Vale assinalar que os planos da Casrech não serão afetados por esta lei quando se trata de empresas sediadas na Argentina e administradas por chineses com residência na Argentina (que estão isentos da lei), mesmo que a intenção seja claramente a de produzir para a China. Feita a lei tem-se uma brecha.

Controvérsia em todo o mundo

Este modelo de uso da terra geralmente apresenta-se como uma grande oportunidade de investimento em países que normalmente precisam de capital. A China se apresenta como um parceiro que oferece centenas de milhões de dólares e promete empregos e desenvolvimento para as comunidades locais, o que raramente se concretiza.

Um dos casos mais recentes é um acordo assinado em setembro entre o governo ucraniano e a China para 3 milhões de hectares, o equivalente a 5% do território do país europeu, em troca de certos investimentos que neste caso incluem a compra de máquinas agrícolas, pesticidas e sementes da China. Vozes de oposição logo surgiram, advertindo que este seria o primeiro passo para tornar o país num novo Cazaquistão, outro ex-integrante da antiga União Soviética, onde a China já controla 70% dos recursos naturais.

A África é a região onde a China tem a maior pegada. Suas vastas extensões de terras virgens e sua situação de pobreza fazem dos países africanos presas fáceis do regime chinês. Mas, em 2009, um líder africano disse ao The Economist que o número de trabalhadores chineses que trabalham na África é "catastrófico", após citar a cifra estimada de 1 milhão de chineses lavrando os campos da África na época.

A grande preocupação dos críticos da aquisição de terras por estrangeiros (principalmente por um Estado estrangeiro comunista, o que seria mais adequado falar em estatização da terra) não é apenas enfraquecer a soberania alimentar dos países ao ceder suas terras, mas os impactos ecológicos, humanos e econômicos que resultarão após 20, 50 ou 100 anos de exploração. A China então se retirará, deixando para trás degradação, poluição e ruína, para exportar o mesmo modelo chinês de produção que arruinou seu próprio solo, consumindo as terras estrangeiras como um inseto voraz.

Fonte:<https://www.epochtimes.com.br/o-interesse-voraz-da-china-nas-terras-estrangeiras/>

China compra 3 milhões de hectares da Ucrânia, 5% do país, e também investe em terras no Brasil

Antonio Machado

Estratégia do capitalismo de Estado chinês não se move pelo lucro, ainda, mas pela garantia de acessos vitais a alimentos, energia e matérias-primas.

Sabem aquele ditado: a caravana passa e os cães ladram? Hoje, é a China passando. Enquanto o mundo discute as ondas do dólar, o baixo astral da Zona do Euro, a inflação, taxa de retorno de concessões, os chineses, na maciota, estão comprando tudo - de terras aráveis a campos de petróleo. O último grande negócio é de causar vertigem.

Uma estatal chinesa adquiriu os direitos sobre três milhões de hectares de terras aráveis da Ucrânia, equivalentes a uma Bélgica, ou a 5% do território da mais rica, depois da Rússia, das antigas repúblicas da União Soviética. A compra de terras férteis no mundo, mesmo no Brasil, por fundos sob a influência de governos não tem sido incomum desde a grande inflação dos alimentos de 2007 e 2008. Mas nunca houve nada com a dimensão do negócio entre a XPCC, como é conhecida a China Xinjiang Production and Construction Corps, e a firma agrícola ucraniana KSG Agro. De fato, o negócio foi entre os dois governos, antecedido de lei votada pelo Parlamento da Ucrânia.

Conhecida pela fertilidade de suas terras, com alta produtividade das lavouras de trigo e de grãos processados como ração para porcos – um dos principais alimentos da cozinha chinesa -, a Ucrânia vinha há tempos negociando o acordo, que tem desdobramentos geopolíticos com a Rússia, com quem mantém um relacionamento conturbado, e com a União Europeia, com a qual negocia maior integração, eventualmente a adesão à Zona do Euro, uma pretensão hostilizada pelos russos. No auge do conflito por maior autonomia da Ucrânia, anos atrás, o governo de Vladimir Putin cortou o fornecimento de gás. E o governo ucraniano ameaçou retaliar fechando os gasodutos russos que passam pelo país. A Rússia é o maior fornecedor do gás de toda a Europa.

É neste vespeiro que a China do presidente Xi Jinping se enfiou, mas com inteligência. Conforme o pragmatismo ensinado pelo grande líder da abertura econômica chinesa Deng Xiaoping, segundo o qual não importa a cor do gato, desde que cace o rato, Jinping foi a Moscou, duas semanas atrás, fechar com Putin o fornecimento de gás e petróleo num acordo de longo prazo, bancado pela China.

É como se distribuísse doce a quem importa para garantir à China o abastecimento de comida à população e de energia e matérias-primas ao seu formidável parque fabril. O capitalismo de Estado chinês não se move pelo lucro, ainda, mas pela garantia de acessos vitais.

Horizontes desconhecidos

O mundo chinês é novo, com alcance e horizontes desconhecidos. Os EUA enxergam expansionismo, tanto que o planejamento estratégico do Pentágono, validado pelos Partidos Democrata e Republicano, prevê o deslocamento de dois terços da frota naval para o Pacífico até fim da década, inclusive com a abertura de uma nova base na Austrália.

As engrenagens desse jogo costumam ser ásperas - operadas por mãos de gato, como a belicosa Coreia do Norte, ou pelo renascimento do nacionalismo japonês, ilustrado pela disputa de alguns rochedos na fronteira marítima entre o Japão e a China. Com os EUA, é como se a relação envolvesse cumplicidade e desconfiança entre as partes. Aos demais, que estão de fora, convém não tomar partido e aproveitar as oportunidades. Foi o que o governo da Índia, cuja parceria no BRICS oculta uma longa relação de conflitos, outra vez constatou.

Jinping desbanca a Índia

O objeto da cobiça dos indianos era uma fatia no consórcio formado pelas petroleiras Exxon e ConocoPhillips, ambas dos EUA, a inglesa Shell, a francesa Total e a italiana ENI para a exploração de gás e óleo noutra ex-república soviética, o Cazaquistão, na Ásia Central.

A ConocoPhillips decidiu vender sua parte. A estatal da Índia ONGC anunciou que comprava. O governo cazaque tinha direito de veto. Num longo encontro entre o presidente cazaque Nursultan Nazarbayev, que manda no país desde a era soviética, e o chinês Jinping, há poucos dias, a Índia foi passada para trás pela China National Petroleum.

A disputa pode repetir-se no leilão do campo de Libra, pois tanto a indiana ONGC como a chinesa CNPC (mais duas estatais da China, a CNOOC e a Sinopec) estão entre as dez empresas inscritas, além da Petrobras. A China investe normalmente onde há facilidades para as exportações de suas indústrias, que já despontam no Brasil.

Chinese, come here!

Com US\$ 3,5 trilhões de reservas, a China vem trocando dólares por ativos reais mundo afora desde a crise de 2008. Além do acordo na Ucrânia, que começa com 100 mil hectares, a China já comprou 324 mil hectares na Argentina, atuando por meio da empresa Beidahuang, e investiu US\$ 375 milhões em lavouras de soja no Brasil (e US\$ 1,2 bilhão na Argentina) com a Chongqing. Em troca de 200 mil barris ao dia por dez anos, a Petrobras recebeu US\$ 10 bilhões em 2009.

Sinal dos tempos: de "Yankees, go home!" para "Chinese, come here!"

Cobiça chega à internet

Os chineses estão em toda parte. Na África, os grandes projetos de agricultura e infraestrutura são tocados por firmas chinesas e com investimentos de bancos da China, não raro com mão-de-obra trazida de lá, gerando protestos das populações locais e denúncias de que está em curso um novo tipo de colonialismo.

A próxima etapa são os EUA, onde o Congresso impôs vetos ao investimento chinês em áreas consideradas chaves, como energia, telecomunicações e softwares. Com uma estratégia de comer pelas beiradas, a China já investe em energia não convencional no Canadá, abre o capital de suas empresas na Bolsa de Nova York e cobiça o bilionário mercado da internet.

O Alibaba, versão chinesa do eBay, lançou em Cingapura sua plataforma global Taobao, após estagiar em Taiwan e Hong Kong. E pensar que 30 anos atrás nosso PIB era maior que o da China. Eles avançaram. Nós nos arrastamos. (Cidade Biz, 26/9/13)

Fonte: <http://www.brasilagro.com.br/index.php?noticias/detalhes/14/53240>

Criação de zona de defesa aérea da China preocupa os EUA e o Japão



O governo dos EUA está "profundamente preocupado" com o anúncio da China de criar uma zona de defesa aérea no Mar da China Oriental, que inclui as ilhas controladas pelo Japão, mas reivindicadas por Pequim, afirmou neste sábado o secretário de Estado americano, John Kerry. A zona cobre parte do Mar da China Oriental, entre Coréia do Sul e Taiwan, onde estão as ilhas Senkaku controladas pelo Japão e que a China reivindica, com o nome de Diaoyu.

O Japão não tardou a reagir ao anúncio, apontando que marca "uma escalada" das tensões bilaterais em torno do arquipélago, o que pode ser "muito perigoso". "Essa decisão unilateral (da China) é uma tentativa de mudar o 'status quo' no mar da China Oriental. Uma escalada apenas aumentaria as tensões na região e criaria o risco de um incidente", advertiu Kerry, em um comunicado.

"A liberdade de sobrevoar e outras regras internacionais sobre o uso do espaço aéreo e marítimo são indispensáveis para a prosperidade, estabilidade e segurança no Pacífico", acrescentou o chefe da diplomacia americana, atualmente em Genebra. "Pedimos encarecidamente à China que não execute sua ameaça de tomar medidas contra os aviões que não se identifiquem, ou que não obedeçam às ordens de Pequim", declarou Kerry.

A nova zona de defesa aérea obrigará os aviões que passarem por ela a cumprir certas obrigações e, caso não sejam respeitadas, haverá uma intervenção armada. Entre outras informações, os aviões terão de apresentar um plano de voo detalhado, indicar sua nacionalidade e manter suas comunicações por rádio, de modo que seja possível "responder de maneira rápida e apropriada às solicitações de identificação" das autoridades chinesas. As novas regras entram em vigor, a partir das 2h GMT de sábado (00h no horário de Brasília), segundo o comunicado chinês.

Fonte:<http://www.defesanet.com.br/china/noticia/13198/Criacao-de-zona-de-defesa-aerea-da-China-preocupa-os-EUA-e-o-Japao/>

Ascensão chinesa 'preocupa EUA e Europa, mas é bem vista na África'



Poder militar da China preocupa mais que ascensão econômica

Uma pesquisa feita em 27 países a pedido do Serviço Mundial da BBC revelou que a ascensão econômica e militar da China gera preocupações nos países ricos, mas que a potência asiática é bem vista pelas nações emergentes.

O levantamento ouviu quase 27 mil pessoas. No Brasil, onde as opiniões negativas da China diminuíram em relação à primeira edição da pesquisa, foram feitas 800 entrevistas em nove capitais do país.

Em média, 50% das pessoas ouvidas mundialmente disseram ter uma visão positiva da ascensão econômica chinesa, enquanto 33% disseram ter uma visão negativa.

Comparada com 2005, a visão negativa aumentou nos Estados Unidos, México e Canadá, e nos países mais avançados da Europa (França, Canadá, Alemanha, Itália).

"Atingidos em cheio pela depressão econômica, os cidadãos dos países do G7 (o grupo das nações mais industrializadas do planeta) estão menos seguros de como

competir com a China, tão presente hoje nas suas vidas”, explicou o presidente da empresa responsável pela pesquisa, GlobeScan.

“Não há dúvida de que a ascensão da China, junto com um sentimento de estagnação e paralisação entre os países ocidentais, é psicologicamente perturbador”, afirmou à BBC o premiado articulista do jornal The New York Times Tom Friedman.

Mas esse ponto de vista é contrabalançado pela visão amplamente positiva da ascensão chinesa em países africanos que têm se beneficiado de investimentos chineses em infraestrutura e recursos naturais, como Nigéria, Quênia e Gana (82%, 77% e 62% de visão positiva, respectivamente).

Também no Brasil a China goza de uma imagem melhor: de 2005 para cá, as opiniões negativas do crescimento chinês caíram nove pontos, para 26%. As visões positivas somaram 44%.

Na América do Sul, a visão da China também é majoritariamente positiva no Peru (65%).

Potência militar

Já a ascensão militar da China é vista com mais reservas pelos entrevistados na pesquisa. O Japão foi o país onde a visão negativa superou com mais folga a positiva (88%, contra menos de 1% de visão positiva).

Na Coreia do Sul e na Austrália a visão negativa foi 76% e nos EUA, 79%. **As divergências voltaram a se repetir entre os países da Europa ocidental (que vêem o poderio militar chinês com cada vez mais reservas)** e os africanos e emergentes asiáticos, para quem o crescimento militar de Pequim preocupa menos.

No Brasil, a visão negativa superou a positiva (46% – 29%), assim como no México (53% – 17%).

O analista de Economia da BBC, Andrew Walker, disse que a visão da China é reforçada pelas diferentes percepções das relações econômicas chinesas no mundo.

Os respondentes que consideraram “*injustas*” as relações comerciais da China estão majoritariamente nos países da Europa ocidental, nos EUA e em seus parceiros econômicos, no Japão e na Coreia do Sul.

Walker lembra que a China é acusada, nos meios empresariais e políticos, de manter seu câmbio artificialmente desvalorizado, o que aumenta a competitividade dos produtos chineses no exterior.

Já na África, nos emergentes asiáticos, no Chile e no Peru a percepção é de que a China atua corretamente. A questão não foi colocada para os brasileiros.

Fonte: BBC Brasil [Link]/ <https://neccint.wordpress.com/2011/03/29/ascensao-chinesa-preocupa-eua-e-europa-mas-e-bem-vista-na-africa/>

Obs. Final: Nunca esquecendo: espiritualmente ou estamos sob ação do ESPÍRITO SANTO ou sob inspiração do espírito das trevas, pois não é possível a um ser humano viver em situação de neutralidade espiritual. Pode um ateu e anticristão estar sob a condução misericordiosa de DEUS? IMPOSSÍVEL!

Texto enviado pelo internauta Marcelo Brandão, em 19/01/2014.